

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**CASAMENTO CRISTÃO, UM ELO INDISSOLÚVEL SEGUNDO AS ESCRITURAS**

Ronaldo Antinhani

SÃO PAULO

2022

Ronaldo Antinhani

## **CASAMENTO CRISTÃO, UM ELO INDISSOLÚVEL SEGUNDO AS ESCRITURAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Kenji Yamabuchi.

SÃO PAULO  
2022

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Ronaldo Antinhani

**CASAMENTO CRISTÃO, UM ELO INDISSOLÚVEL SEGUNDO AS ESCRITURAS**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Alberto Kenji Yamabuchi – Orientador

---

Prof. Dr. Jonas Machado - Leitor

## **DEDICATÓRIA**

Primeiramente a Deus, por ter me permitido e capacitado, através de um chamado, a concluir esta faculdade e me preparado para o ministério que Ele tem para mim.

A minha amada família, Katia, minha querida esposa, Thaina e Mariana, minhas heranças divinas, que me compreenderam ao longo desses anos de estudos, permitindo que eu dedicasse grande parte de nosso tempo para atender a esse chamado de Deus em minha vida.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço, certamente, a Deus, por ter se revelado a mim e me resgatado de densas trevas para a sua maravilhosa luz, por ter me chamado, capacitado e separado para pregar sua Palavra salvadora e redentora.

Ao meu bem mais precioso, minha família, em especial minha amada esposa e minhas filhas, que compreenderam minha ausência em diversos momentos e abriram mão de muito, para que eu pudesse concluir esta faculdade, pois sempre acreditaram no meu chamado, dando-me forças e incentivando nos momentos mais difíceis por que passei. Foram lutas, abatimentos, cansaços e desânimos, mas ela, minha amada esposa, sempre estava lá me dando seus ombros carinhosos, que renovavam minhas forças e me faziam prosseguir.

Também aos meus pais, que me criaram com todo o amor e cuidado, e, desde o início da faculdade, me incentivaram e se sentiram orgulhosos pela minha decisão.

Aos professores, que tanto se dedicaram e contribuíram para essa formação, e aos colegas de sala, que sempre estiveram dispostos a ajudar nos momentos de necessidades.

E, por fim, a meu amado pastor Vagner, que, desde o dia da minha conversão, caminha comigo e me ensinou a levar uma vida cristã séria, contribuindo para que princípios e valores crescessem dentro de mim e me tornassem um filho, um esposo e um pai melhor do que eu era.

## RESUMO

Esta pesquisa traz como tema a relevância do ministério de casais da igreja local na prevenção do divórcio e tem como proposta demonstrar o significado do matrimônio com base nas Escrituras. Em segundo momento, explica o conceito de divórcio na Lei civil, as visões cristãs a respeito dele e os possíveis danos causados, caso não seja evitado. Posterior a isso, pretende-se demonstrar práticas para a manutenção de um casamento saudável, na intenção de proporcionar um matrimônio para a vida toda, conforme as Escrituras ensinam. Para isso foi reunido um conjunto de ideias de autores experientes no aconselhamento bíblico para casais e famílias, com a intenção de se preservar o casamento e, conseqüentemente, a família cristã. Após a análise das ideias apresentadas, foram feitas perguntas a um experiente pastor, Vagner Vaelatti, que, há 28 anos à frente da Igreja Batista Boas Novas, traz respostas que enfatizam a importância do ministério de aconselhamento de casais para a instituição divina, o casamento, e, conseqüentemente, a família cristã. Para o referido pastor, o casamento é a instituição divina que, quando bem ajustada de acordo com as Escrituras, proporciona um bom testemunho capaz de transformar uma sociedade inteira através de uma família cristã feliz.

**Palavras-chave:** Ministério de Casais. Casamento para vida toda. Casamento saudável. Felicidade conjugal. Preservação da família cristã.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1</b>	<b>CASAMENTO BÍBLICO .....</b>	<b>9</b>
1.1	Casamento no Antigo Testamento segundo as Escrituras .....	9
1.2	Casamento no Novo Testamento segundo as Escrituras.....	14
<b>2</b>	<b>EXPLICANDO O DIVÓRCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>
2.1	Visões cristã acerca do divórcio .....	20
2.2	As causas do divórcio.....	25
2.3	Efeitos do divórcio.....	27
<b>3</b>	<b>UM CASAMENTO SAUDÁVEL .....</b>	<b>32</b>
3.1	A esposa exemplar .....	33
3.2	O marido piedoso .....	34
3.3	Satisfazendo necessidades fundamentais .....	37
3.4	A necessidade da comunicação.....	41
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de auxiliar o ministério de aconselhamento de casais na igreja local, tendo em vista o aumento de divórcios ocorridos entre os cristãos evangélicos durante o período da pandemia da Covid-19 e no pós-pandêmico.

Trazendo o tema “Casamento Cristão, um Elo Indissolúvel Segundo as Escrituras”, busca-se ajudar os casais a compreenderem o que de fato significa o matrimônio instituído por Deus em sua palavra revelada (manchado pelo pecado com a queda da humanidade), para que reflitam a respeito da responsabilidade assumida diante do altar mediante um pacto de aliança e relembrem que o plano original de Deus é a inviolabilidade do casamento. Visando a prevenção do divórcio e seus eventuais danos à família (ministério de Deus) e auxiliando para a manutenção de um matrimônio sadio, tenta-se responder à comunidade cristã evangélica sobre a importância do matrimônio para a formação da família como o primeiro ministério de Deus instituído para a humanidade, conforme nos revela sua Palavra: “Criou o homem a sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher [...] Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra”. (Gen. 1:27;28 NVI).

O casamento é a instituição divina mais poderosa para transformar uma sociedade e transmitir sua palavra através de um bom testemunho no matrimônio e conseqüentemente na família cristã evangélica. Para justificar essa ideia, serão expostos nos capítulos desta presente pesquisa o conceito de casamento bíblico contido no Antigo Testamento e no Novo Testamento (Ensinos de Paulo e Pedro). Explicar-se-á a visão cristã unânime a respeito do casamento, o conceito de divórcio à luz da lei civil e as visões cristãs acerca dele, observando as conseqüências causadas por ele em diversas áreas da vida, como o efeito comportamental, o dano social e espiritual.

Por fim, será abordada a possibilidade de construir um casamento saudável, conforme a Palavra de Deus determina, trazendo os direitos e obrigações que envolvem os cônjuges, a responsabilidade das mulheres de serem exemplares, bem como a dos homens de serem piedosos no relacionamento conjugal, demonstrando como satisfazer necessidades e práticas fundamentais de ambas as partes envolvidas, coerentes ao que ensina as Escrituras Sagradas, ou seja, de acordo com o planejado por Deus.

Através de um conjunto de ideias de autores cristãos contidas nesta pesquisa, será demonstrado ao leitor o conceito bíblico a respeito do casamento, devidamente embasado em diversos ensinamentos da Bíblia (Antigo e Novo Testamento). Segundo as Escrituras nos ensinam, o casamento é para a vida toda, é monogâmico, heterossexual e exige fidelidade e temor a Deus para ser devidamente exercido.

Serão transmitidas ideias dos autores Norman Geisler, Andreas J. Köstenberger, John Coblentz, Gary R. Collins e Jay Adams, de forma breve, objetiva e de fácil compreensão, a fim de que os casais encontrem respostas para o sucesso no casamento, e juntos, desfrutem das mais ricas bênçãos de Deus e sejam felizes por toda vida.

O ministério de aconselhamento de casais da igreja local vai contribuir para a redução do número de divórcios e ajudar os casais a desfrutarem das bênçãos de Deus?

Tal questão será vista ao longo da exposição deste trabalho.

## 1 CASAMENTO BÍBLICO

### 1.1 Casamento no Antigo Testamento segundo as Escrituras

Para estudarmos o casamento bíblico, partiremos desde o início de tudo, a criação, e o Gênesis, em que é narrada a história da formação do mundo e da humanidade, o paradigma mais importante que Deus estabeleceu para o matrimônio. Os primeiros capítulos de Gênesis 1–3, apesar de escritos para a geração israelita que estava no deserto, nos fornecem os parâmetros divinos para o casamento.

Então disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os animais que se movem rente ao chão. Criou Deus o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn. 1:26;27- NVI).

Observa-se aqui o casamento com raízes divinas no ato da criação da humanidade à sua imagem, como homem e mulher.

O livro de Gênesis (1–3) relata também a queda da humanidade, originando o pecado através de um ato de rebeldia ao criador, instigado por Satanás, uma criatura também caída, que resulta na condição humana de toda pessoa ser rebelde a Deus e a todo o seu plano para a sua vida.

Disse a serpente para a mulher: Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal. Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu ao seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram as folhas de figueira para cobrir-se. (Gn. 3: 4;7 – NVI).

Após observada a instituição do casamento como plano divino e a consequência da queda, a rebeldia humana contra Deus recai sobre o casal como forma de pecado. Em seguida, será tratado sobre os papéis que marido e mulher têm um com o outro e suas devidas particularidades.

Homens e mulheres foram criados à “imagem e semelhança de Deus”, fato que lhes confere valor e responsabilidade, como a de exercerem um governo representativo na terra que Deus criou. Nesse sentido, Deus governa sobre todo o universo, e a humanidade é encarregada de cuidar de toda a terra para Ele. Assim,

é estabelecido o princípio da mordomia, onde a terra criada não pertence ao homem e à mulher, mas a Deus. O homem e a mulher são apenas mordomos nomeados por Ele e devem juntos exercerem essa função, de acordo com a vontade de Deus e para a sua glória, multiplicando-se e cuidando dos filhos que Ele lhes der e sujeitando toda a terra por meio da divisão de tarefas, onde o homem é provedor de sua esposa e filhos, e a mulher é incumbida de cuidar da família. Portanto, o casamento não é uma opção, é uma ordenança de Deus (cf. Gn. 2:24), é a instituição fundamental e básica da sociedade.

O homem é responsável pelo casamento e a mulher como sua ajudante adequada, conforme o apóstolo Paulo observa ao comentar Gênesis 1–3. A responsabilidade do homem dentro da família vem primeiro do que a da mulher pelo fato de ter sido criado primeiro e de ter recebido a injunção divina de “comer livremente de qualquer árvore do jardim, mas não da árvore do conhecimento do bem e do mal” (GN 2:16;17 – NVI). Como foi apresentado com a mulher e a nomeou, entende-se assim, sua autoridade sobre ela, “Disse o Homem: essa sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne!” (GN 2:23 – NVI), e ainda, “Adão deu a sua mulher o nome de Eva, pois ela seria a mãe de toda humanidade” (GN. 3:20 – NVI).

A narrativa de Gênesis 1 e 2 se diferem, pois enquanto o primeiro se refere à criação da humanidade como homem e mulher à imagem e semelhança de Deus, o segundo diferencia a disposição de seus papéis na criação. Antes da criação da mulher, o homem já havia sido criado e já estava incumbido de dar nome aos animais e sujeitar toda a terra. Somente depois a mulher foi criada por Deus para ser a esposa de Adão. Foi com a criação de Eva que se revelou o plano divino para o casamento de Adão, devidamente monogâmico e heterossexual.

Percebendo a solidão do homem, Deus criou a mulher para ser sua ajudante adequada. O texto bíblico (GN 2: 20;21) mostra que Deus teve a iniciativa própria de criar a mulher para fazer companhia ao homem. Não foi o homem que se sentiu só, mas se tratou de uma percepção divina, segundo sua vontade soberana, o que se entende que o casamento é plano de Deus para a humanidade.

Para o termo ajudadora adequada, entende-se que é a mulher adequada ao homem, de forma que nenhum animal é, pois ela foi colocada junto ao homem como alguém que lhe assemelhasse e correspondesse, é a necessidade de companhia masculina para a determinação divina de procriar e sujeitar a terra,

apesar da distinção de função, a mulher é a companheira ajudadora do homem para dominar a terra para Deus.

Além do mais, no caso da mulher, Gênesis 2 não ensina que ela pode simplesmente atuar como ajudadora do homem quando assim o desejar, mas sim, que a função de servir como ajudadora do homem resume o motivo de sua existência em relação ao homem. Ser ajudadora do homem é o propósito para o qual a mulher foi criada no que diz respeito à sua condição de esposa. (Obviamente, como ser humano que, como o homem, compartilha a imagem de Deus, a mulher foi criada para glorificar e servir a Deus, mas, no que diz respeito ao casamento, deve fazê-lo dentro dos parâmetros estabelecidos por Deus para o relacionamento entre marido e mulher. (KOSTEMBERGER, 2018, p. 31).

Apesar de sua aparência contracultural, essa é a mensagem contida em Gênesis 2, confirmada pela interpretação do Novo Testamento. A mulher é descrita como ajudadora adequada e distinguida das outras criaturas nomeadas pelo homem e consideradas inadequadas para completá-lo, ou seja, somente a mulher completa o homem, e Deus a criou porque ele precisava da ajuda dela.

Ao contrário de outras criaturas, a mulher é da mesma espécie que o homem, é um ser humano semelhante a ele (cf. Gl. 3.28; 1Pe. 3.7); ao mesmo tempo, também é diferente e é sua “ajudadora” (cf. Ef. 5.22).

Adiante, será visto sobre a queda da humanidade e as suas consequências. A inversão dos papéis designados por Deus ao homem e à mulher foi dado por consequência da queda, quando Satanás a aborda e a faz se rebelar contra Deus, levando consigo o homem. Esse fato não quer dizer que ela é mais frágil do que o homem em relação ao pecado, mas indica que ele deve assumir a responsabilidade final pelo casal, liderar e proteger a sua companheira, pois, por sua ausência, o homem assumiu parte da culpabilidade da mulher, e ela, deixando de consultar o provedor e protetor que Deus lhe deu, desrespeitou o padrão de casamento estabelecido por Ele. Desse modo, é do homem a maior responsabilidade pelo ato de rebeldia, apesar das consequências afetarem ambos.

Consequentemente, a mulher passa a ter dor física no parto e problemas de relacionamento com o marido, perdendo a relação amorosa e harmoniosa para um padrão de conflito. Tenta exercer controle sobre o marido, o que gera uma reação para afirmar sua autoridade, fugindo do padrão de Deus, pois o marido age de forma a forçar a mulher a se submeter ou a dominá-la de forma ativa. Por sua vez, o homem

começa a ter dificuldade em sujeitar a terra, passando a extrair o fruto da terra repleta de espinhos e erva daninha e obter o pão do suor do seu rosto. (GN 3:17;19).

No final do terceiro capítulo de Gênesis, Deus provê vestimentas (cf. 3.21) para eles e prediz o tempo em que a descendência da mulher, o Messias prometido, ferirá a cabeça da serpente (GN 3.15), mas enquanto isso não acontece, o casal é expulso do jardim com uma severa sanção resultante da rebeldia contra Deus. Daquele momento em diante, mancharam seu casamento durante a sua jornada na terra.

No panorama de Gênesis 1–3 apresentado acima, vimos que a humanidade foi criada a imagem de Deus para governar a terra como representante dele (Gn 1.27-28). Observamos também, que Deus atribuiu ao homem a responsabilidade final pelo casamento (fato que fica evidente em várias referências em Gênesis 2 e 3) e deu a mulher ao homem para ser sua “ajudadora adequada” (Gn 2.18, 20). Por fim, observamos que a queda implicou uma inversão completa do padrão de relacionamento definido por Deus, com consequências desastrosas e permanentes revertidas apenas pela vinda e morte salvífica do Messias. (KOSTEMBERGER, 2018, p. 33).

Percebe-se até aqui, de acordo com o Antigo Testamento, que o casamento instituído por Deus foi manchado através do pecado, provocando distorções nesta instituição divina, resultando em tiranias de maridos contra mulheres, manipulações por parte das esposas, divórcios, adultérios, poligâmias etc. Observa-se agora, de forma breve, alguns exemplos do efeito devastador causado pelo pecado.

Sobre a poligamia, é percebido o plano monogâmico para o casamento quando Deus faz Eva como a companheira e ajudadora de Adão, e lhes dá a ordem através de sua palavra: “Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher, e eles serão uma só carne” (GN 2;24 NVI). Deus, em sua soberania e sabedoria, poderia fazer mais do que uma mulher para Adão, a fim de acelerar o processo de povoamento da terra, conforme ordenou a Adão e Eva. Mesmo com o seu poder, Ele deixou claro que o modelo de casamento é um homem e uma mulher, mas como esperado, após a queda da humanidade, o ideal divino de monogamia para o casamento foi manchado.

Passadas seis gerações, quando Adão mal havia falecido, a Bíblia registra que “Lameque tomou para si duas mulheres” (GN 4:19), talvez procurando, em sua presunção, obter a bênção primeva de Deus (cf. GN 1:28) por meio de seus próprios artificios, ou seja, tomando para si mais de uma esposa. (KOSTEMBERGER, 2018, p. 37).

A poligamia nunca foi a norma entre os seguidores de Deus, mas as Escrituras revelam sua ocorrência. No Antigo Testamento é demonstrado que um número considerável ocorreu, inclusive entre os patriarcas e reis de Israel.

Apesar dessa evidência de poligamia, o Antigo Testamento é claro em dizer que essa prática é um desvio do plano de Deus para o casamento (Cf. Dt. 17:17 - NVI) “Ele não deverá tomar para si muitas mulheres; se o fizer, desviara o seu coração”.

O Antigo Testamento também relata os problemas surgidos nos casamentos poligâmicos, como o favoritismo por alguma das esposas e o ciúme presente nas relações. Observa-se como exemplo o caso de Jacó (GN 29:30), Elcana (1 Sm 1:6).

Em resumo, a Bíblia deixa claro que os indivíduos da história de Israel que se desviaram do plano monogâmico de Deus e praticaram a poligamia o fizeram contra a vontade do Criador e, em última análise, em prejuízo próprio. O pecado e a desordem causados pela poligamia reafirmam, portanto, a excelência do plano monogâmico de Deus para o casamento revelado primeiramente a Adão e Eva no jardim do Éden. (KOSTEMBERGER, 2018, p. 38).

Sobre o divórcio, tem-se o seguinte: Deus criou o casamento para ser permanente, apesar de se notar uma conduta comum do povo de Israel em violar a sua durabilidade. Nos primeiros capítulos de Gênesis, observa-se o modelo ideal apresentado pelo Criador (cf. GN 2:24). O divórcio era um problema existente desde o início da história de Israel. Era proibido que o sacerdote se casasse com uma mulher divorciada, conforme o código mosaico que, em tentativa de refrear o pecado causado pelo divórcio, proibia tal prática. Tinha como justificativa a contaminação da mulher causada pelo divórcio, entendendo-se que um novo casamento seria ilegítimo e equivalente à prática do adultério. Nota-se, no Antigo Testamento, vários exemplos de divórcio no meio do povo hebreu (Cf. Ed. 9:10 – Ne 13:23;31 – Ml 2:14;16).

Sobre o divórcio, leia-se: “Eu odeio o divórcio, diz o Senhor, o Deus de Israel, e odeio homem que se cobre de violência como se cobre de roupas, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, tenham bom senso; não sejam infiéis” (Ml 2:16 – NVI).

Percebe-se que apesar da presença da prática do divórcio no meio do povo de Israel, o plano de Deus é a inviolabilidade do casamento. Ele diz: “odeio o divórcio” (Ml 2:14;16).

Também se compara o divórcio com o afastamento espiritual e a infidelidade do povo de Israel a Deus: “dei à infiel Israel uma certidão de divórcio e a mandei embora” (Cf. Jr 3:8 – NVI). Portanto, definitivamente, essa prática não é aprovada

por Deus. O adultério é outra maneira de corromper o ideal d'Ele para o casamento, pois após a queda os indivíduos passaram a ter dificuldade em ser fiéis ao seu cônjuge. Um exemplo muito conhecido de adultério relatado pela Bíblia é o de Davi com Bate-Seba que, além do adultério, resulta no covarde assassinato de Urias, marido de Bate-Seba.

Uma tarde Davi levantou-se da cama e foi passear no terraço do palácio. Do terraço viu uma mulher muito bonita, tomando banho, e mandou alguém procurar quem era. Disseram-lhe: É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o hitita". De manhã, Davi enviou uma carta a Joabe por meio de Urias. Nela escreveu: Ponha Urias na linha de frente e deixe-o onde o combate estiver mais violento, para que seja ferido e morra. (2Samuel 11:2 – 14 - NVI).

Além desse caso, não se pode deixar de ressaltar o casamento poligâmico, conforme já apresentado acima, como uma forma de adultério à primeira esposa. Essa prática é expressamente proibida no Antigo Testamento em concordância com o que foi observado no sétimo mandamento: "Não adulterarás" (Cf. ÊX 20:14), e no código da santidade: "Não se deite com a mulher de seu próximo, contaminando-se com ela" (LV 18:20 – NVI). Portanto, fica claro mais uma vez que o ideal de Deus para o casamento foi violado por causa do pecado.

A seguir, observa-se o casamento bíblico à luz do Novo Testamento, tratando de como Jesus o via e o que Pedro e Paulo falavam dele.

## **1.2 Casamento no Novo Testamento segundo as Escrituras**

O casamento no Novo Testamento é estudado como uma continuação do que se aprende no Antigo Testamento, ou seja, é a confirmação aos olhos do cristianismo, sobre o modo como Jesus via o casamento e o que Pedro e Paulo falaram sobre o assunto.

Nos ensinamentos de Jesus, observa-se que Ele fala pouquíssimo a respeito de casamento, o que não quer dizer que para Ele fosse irrelevante, mas que seu ministério era voltado ao discipulado por meio da pregação das boas-novas do reino de Deus e que seu chamado era espiritual. Contudo, é um grande equívoco pensar que Ele não se importava, pois quando questionado sobre o divórcio, reafirmou o caráter permanente e inviolável dele. "Valendo-se dos textos básicos do Antigo Testamento, Gênesis 1.27 e 2.24, declarou: 'Assim, [marido e mulher] não são mais

dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus uniu o homem não separe' (MT 19:6) (KÖSTEMBERGER, 2018, p. 60). Com isso, Jesus deixa claro que o casamento é uma união sagrada estabelecida e firmada por Deus.

Observar-se-á agora a visão de Pedro sobre o casamento. “Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma ao seu marido, a fim de que, se ele não obedece a palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês” (1 Pe. 3:1;2 – NVI).

Sobre a submissão, Pedro escreveu seus comentários em um contexto de sofrimento entre os cristãos por conta dos incrédulos, e ao falar de submissão, ele lista uma série delas, como ao governo, ao trabalho e ao lar, ou seja, a autoridade instituída por Deus. Observa-se agora a submissão no lar, onde a mulher deve se submeter ao seu marido, independentemente de ele ser cristão ou incrédulo. Pedro deixa muito claro o exemplo que Jesus deixou para que seus passos sejam seguidos por aqueles que creem n’Ele, sendo seus sofrimentos louváveis diante de Deus. Portanto, a submissão da mulher é um testemunho cristão para seu marido, não dando ocasião ao pecado, mas alertando sobre ele, “[...] como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (1Pe. 3:6 – NVI).

Acerca da sensibilidade, Pedro equilibra o relacionamento entre os cônjuges fazendo distinções e trazendo um conceito de igualdade em Cristo. De forma muito clara, ele fala como o marido deve tratar e respeitar sua esposa. “Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas a suas orações” (1 Pe. 3:7 – NVI).

Nesse ponto, destaca-se como os maridos devem agir com suas esposas sendo “sábios e tratando-as com honra”, e traz à consciência que as esposas são “parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida”. Entende-se que, nesse caso, já se tratava de um casamento entre dois cristãos, diferente do primeiro em que apenas a mulher era convertida.

Logo, de acordo com o princípio geral derivado do conselho de Pedro, conduzir incrédulos a Cristo é uma causa mais importante do que insistir na justiça nos relacionamentos humanos. Os cristãos devem adiar seu anseio por justiça para o dia final e confiar em Deus como Jesus fez (1 Pe. 2:2;23) (KÖSTEMBERGERR, 2018, p. 61).

Paulo (cf. 1Co. 7:3;5) apresenta uma visão mais ampla sobre o casamento, em comparação com Pedro, que será descrita a seguir.

O cumprimento das obrigações conjugais: Paulo escreve sobre esse assunto em resposta a questionamentos feitos a ele pela igreja e para combater falsos ensinamentos sobre a busca de uma espiritualidade mais elevada por meio da abstenção sexual no casamento.

O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com seu marido. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. Não se recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio. (1 Co. 7:3;5 – NVI).

Paulo se preocupa para que o marido e a mulher não se abstenham das relações sexuais normais do casamento, demonstrando assim, sua autoestima pelo casamento. A base bíblica para isso se encontra como um estado honroso quando Paulo diz a Timóteo: “Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos – se permanecer na fé, no amor e na santidade, com bom senso” (1 TM 2:16 – NVI). Além disso, temos: “O diácono deve ser marido de uma só mulher e governar bem seus filhos e sua casa” (1 TM 3:12).

Na carta de 1 Timóteo, Paulo segue combatendo uma falsa doutrina acerca do casamento e o exalta dizendo que ele deve ser honroso e dedicado a Deus em forma de ação de graças. Isso é uma afirmação da criação e instituição de Deus e seu propósito para o casamento e a família.

Acerca dos papéis do marido e da mulher: referente à união de um homem e uma mulher, Paulo faz uma alusão do casamento à união de Cristo com a igreja, e isso mostra a importância do casamento na vida do cristão, chamando a atenção para os papéis do marido e da mulher, conforme a narrativa da criação “e os dois se tornarão uma só carne” (Gn. 2:24).

Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam sujeitas em tudo a seus maridos. (Ef.5:22 –NVI).

Paulo enfatiza aqui que a submissão da mulher ao seu marido é uma forma de amor a Cristo, o Salvador, e uma obediência à sua vontade soberana que é respeitar o marido como “a cabeça do relacionamento”, como Cristo é o cabeça da igreja.

Primeiro, ainda que alguns considerem a submissão à autoridade do marido algo negativo, um modo mais preciso de ver os papéis dentro do casamento é entender que as mulheres são chamadas a seguir a liderança exercida em amor pelos maridos no casamento. Essa liderança e submissão devem ocorrer no contexto de parceria verdadeira, na qual o marido valoriza, genuinamente, a companhia e o conselho da mulher e a mulher valoriza, sinceramente, a liderança do marido. (KÖSTEMBERGER, 2018, p. 69).

Se, talvez, para algumas mulheres seja difícil entender a submissão ao seu marido como uma ordenação de Cristo, ou quem sabe até ser visto como uma posição machista ou injusta, a seguir será demonstrado o tamanho da responsabilidade do marido em relação à sua esposa.

Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar de água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo fez com a igreja, pois somos membros do seu corpo. “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. (Ef.5:25;31 – NVI).

Observa-se aqui o tamanho e o peso da responsabilidade imposta ao marido por Deus a respeito de sua esposa, pois Cristo se entregou até a morte pela igreja, e assim o marido deve fazer por sua esposa. Cristo fez da igreja “gloriosa, sem mancha nem ruga, mas santa e inculpável”, ou seja, assumiu para si toda a responsabilidade, a fim de fazê-la o bem, e assim deve o marido fazer à sua esposa. Cristo fez da igreja o seu próprio corpo e a amou e a cuidou. Da mesma forma, o marido deve fazer de sua esposa o seu próprio corpo, amando-a e cuidando-a, pois, amar a esposa é amar a si mesmo, visto que “o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne.”

O casamento bíblico é visto como forma de cumplicidade entre marido e esposa, é o complemento um do outro em forma do mais puro e sincero amor, no qual ambos valorizam e respeitam os papéis atribuídos a si, de forma inteligente e harmoniosa.

Se Cristo escolhe submeter-se a Deus, o Pai, embora seja igual a ele em valor e personalidade, não parece haver nenhum motivo válido pelo qual Deus não poderia ter definido o relacionamento entre marido e mulher de forma que a mulher seja chamada a se submeter ao marido embora seja igual a ele em valor e personalidade. (KÖSTEMBERGER, 2018, p. 71).

Como visto, o casamento é a instituição social mais básica e mais influente que existe no mundo e, portanto, é muito difícil superestimar sua importância, mas nota-se que, com frequência, o divórcio vem se tornando uma prática comum dentro da igreja, acarretando consequências drásticas na família cristã.

Na sequência, será discutido o que é o divórcio do ponto de vista jurídico e suas consequências na família.

Será possível a igreja local evitá-lo ou preveni-lo por meio do seu ministério de casais e do aconselhamento pastoral?

Em seguida, serão observadas técnicas e práticas conjugais que podem ajudar os casais em seus relacionamentos, mantendo-os saudáveis e para a vida toda, conforme a vontade de Deus.

## 2 EXPLICANDO O DIVÓRCIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Código Civil Brasileiro a respeito do divórcio:

**Art. 1º.** A separação judicial, a dissolução do casamento, ou a cessação de seus efeitos civis, de que trata a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, ocorrerão nos casos e segundo a forma que esta Lei regula.

### CAPÍTULO I – DA DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE CONJUGAL

**Art. 2º.** A Sociedade Conjugal termina:

- I – pela morte de um dos cônjuges;
- II – pela nulidade ou anulação do casamento;
- III – pela separação judicial;
- IV – pelo divórcio.

**Parágrafo único.** O casamento válido somente se dissolve pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio.

[...]

**Art. 24.** O divórcio põe termo ao casamento e aos efeitos civis do matrimônio religioso.

Parágrafo único. O pedido somente competirá aos cônjuges, podendo, contudo, ser exercido, em caso de incapacidade, por curador, ascendente ou irmão. (BRASIL, 1977).

Segundo a visão cristã do casamento (GEISLER, 2010, p. 358), pensa-se o seguinte, o casamento é para a vida toda, sendo sua natureza atrelada ao que Jesus disse com as seguintes palavras: “Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (Mateus 19:6 – NVI). A mesma verdade também é referida por Paulo: “Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada ao seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento” (Romanos 7:2 – NVI).

Esses são conceitos que representam os fundamentos da famosa frase nas cerimônias de casamento: “até que a morte os separe”.

Apesar do casamento ser uma aliança feita para a vida toda diante de Deus, conforme o próprio Jesus deixou claro, ele não é para a eternidade: “Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos do céu” (Mateus 22:30 – NVI).

O fato de a bíblia afirmar que o casamento é uma instituição para a vida terrena, e não para a eternidade, não quer dizer que o divórcio é bem-vindo ou aceito para ser praticado livremente e sem responsabilidades.

Existe ainda outro fato sobre o casamento na visão cristã, ele é monogâmico, ou seja, ele se concretiza entre um homem e uma mulher. Paulo disse: “cada um deve ter sua esposa, e cada mulher seu próprio marido” (Co 7:2 NVI).

Quanto ao casamento ser monogâmico, tem-se como contraste a poligamia que é relatada na bíblia e facilmente confundida como uma aprovação de Deus, mas a própria palavra não aprova todas as atitudes praticadas pelos homens. Por exemplo, é registrado, também, a mentira de Satanás (Gn 3:4), mas certamente não é aprovada. O adultério de Davi também é registrado (2 Sm 11), mas não aprovado.

Em contrapartida à opinião generalizada, apresenta-se palavras duras registradas contra a poligamia no Antigo e no Novo Testamento.

Deus deu a Adão apenas uma esposa e, com isso estabeleceu um precedente que deveria ser seguido por toda a raça humana. A monogamia também foi ensinada por preceitos. Deus disse a Moisés: “[O rei] Ele não deverá tomar para si muitas mulheres; se o fizer, desviará o seu coração.” (Dt:17:17 – NVI). Dessa forma, a poligamia foi expressamente proibida para o rei, que servia como exemplo para o povo. A monogamia também foi ensinada com a prescrição moral contra o adultério (Êx 20:14). Ela está implícita na seguinte prescrição moral: “não cobiçaras a mulher do teu próximo” (Êx 20:17). Essa declaração implica que o próximo poderia ter apenas uma esposa legal. (GEISLER, 2010, p. 359).

Após o breve resumo de conceito de divórcio apresentado por meio da Lei contida no Código Civil Brasileiro, e devidamente registrada sobre o número 6.515, de 26 de dezembro de 1977, juntamente com o entendimento bíblico a respeito do casamento monogâmico, heterossexual e para a vida toda, se apresentará visões cristã acerca do divórcio.

## **2.1 Visões cristã acerca do divórcio**

Conforme demonstrado, percebe-se que existe uma concordância entre os cristãos a respeito da natureza do casamento, que esse compromisso deve acontecer entre um homem e uma mulher, é monogâmico, implica direitos sexuais, é composto de uma aliança feita diante de Deus com compromisso mútuo de fidelidade e deve durar para a vida toda. Por outro lado, o divórcio, apresenta algumas concordâncias e outras discordâncias na visão cristã, conforme apresentado por Geisler (p. 359, 2010). De modo geral, nota-se as seguintes concordâncias: O divórcio não é o projeto de Deus. O próprio Deus disse a Malaquias: “Eu odeio o divórcio, diz o Senhor” (Ml 2:16

– NVI). Deus permitiu, mas nunca desejou. Disse Jesus: “Moisés permitiu que vocês divorciassem de suas mulheres por causa da dureza do coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio” (Mateus 19:8 – NVI).

O divórcio não é permitido por qualquer motivo. Foi perguntado a Jesus: “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?”. Sua resposta foi um enfático não: “Eu digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério” (Mateus 19:9 – NVI). Fica claro que Jesus não acreditava que o indivíduo podia pedir divórcio por qualquer motivo.

O divórcio cria problemas. Mesmo que ele seja compreendido por alguns cristãos como uma resolução de um problema, ele gera outros, pois uma vez que o projeto de Deus é deixado de lado, inevitavelmente surgem novos problemas. Há sempre um preço a ser pago pelos parceiros, pelos filhos, pela família e por outras relações sociais.

Além desses pontos observados, também existem outros que causam discordâncias entre os cristãos, não havendo uma unanimidade sobre o tema. Esses pontos de discordâncias serão analisados e avaliados à luz das Escrituras e do bom senso a partir deste momento.

Não há fundamento para o divórcio. Essa é uma visão mais rigorosa que afirma não haver fundamento bíblico para tal prática e se respalda em sete principais argumentos:

1. O divórcio viola o projeto de Deus para o casamento, pois o compromisso monogâmico para a vida toda é o ideal de Deus e o divórcio viola essa aliança. “Assim eles já não são dois, mas sim uma só carne”;
2. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (Mt 19:6 – NVI). “Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada ao seu marido enquanto ele estiver vivo...” (Rm 7:2 – NVI);
3. O divórcio rompe um voto feito diante de Deus. O casamento é um pacto feito diante de Deus para a vida toda (Pv 2:17; MI 2:14), portanto, é errado seu rompimento (Ec: 5:5);
4. Jesus condenou todo tipo de divórcio quando foi inquirido acerca dele, dizendo que para isso não havia nenhuma exceção (Mc 10:1;11 – Lc 16:18). No evangelho de Mateus (19:1;9 cf. 5:32), encontra-se a conhecida exceção para o divórcio, que é o adultério, mas isso não se refere à

anulação do casamento já concretizado e, sim, à anulação por ato de fornicção antes do casamento ter sido realizado;

Esta interpretação é coerente com a ênfase judaica encontrada no evangelho de Mateus e com a lei judaica sobre a falta de castidade antes do casamento, que era motivo suficiente para uma anulação. De acordo com a lei judaica, o termo “homem”, no sentido de esposo, também faz referência a um homem estando na condição de noivo (Dt 22:13;19 – Mt 1:18;25) (GEISLER, 2010, p. 361).

5. Conforme o evangelho de Lucas, Jesus admitiu que não havia nenhuma exceção para o divórcio e afirmou categoricamente: “Quem se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher estará cometendo adultério, e o homem que se casar com uma mulher divorciada estará cometendo adultério” (Lc 16:18 – NVI). O apóstolo Paulo condena o divórcio. Exortando aos coríntios, Paulo diz: “Aos casados dou este mandamento, não eu, mas o Senhor: que a esposa não se separe de seu marido. Mas, se o fizer, que permaneça sem se casar ou, então, reconcilie-se com o seu marido. E o marido não se divorcie de sua mulher” (1Co: 7:10;11 – NVI). Quanto à incredulidade de uma das partes, o divórcio continua proibido (1 Co. 7:12;13);
6. O divórcio desqualifica um bispo. O bispo deve ser marido de uma só mulher (1 Tm 3:2). Essa é outra defesa dos detentores dessa visão, que significa que um bispo nunca pode ser divorciado;
7. O primeiro parceiro é o parceiro verdadeiro. Baseando-se no diálogo entre Jesus e a mulher samaritana (Jo 4:17;18), fica claro que o primeiro cônjuge é o verdadeiro;
8. O divórcio viola a tipologia sagrada. “De acordo com Paulo, a esposa está para seu marido assim como a igreja está para Cristo (Ef 5:32)”. (GEISLER, 2010, p. 362).

O casamento celestial é representado pela tipologia entre o Cristo e a Igreja, sendo ela a sua noiva, e Deus considera a violação de um tipo sagrado uma transgressão grave, isso se observa pela punição imposta a Moisés por ferir a rocha (Cristo) duas vezes (Nm 20:9;12).

Sendo assim, segundo a visão apresentada, o divórcio sem fundamento é pecado e se casar com um homem ou uma mulher divorciada também é errado.

Há apenas uma possibilidade para o divórcio. Existem cristãos que acreditam que apenas o adultério seria justificativa para o divórcio, mas o casamento de pessoas divorciadas não é permitido, pois elas vivem em pecado por terem se divorciado. (Mt 5:32). Esse argumento baseia-se em várias considerações.

1. Jesus afirmou explicitamente que o adultério é motivo para o divórcio. Essa visão se favorece da interpretação de Mt 19:9, apontando para a palavra grega “*pornéia*” que é utilizada para se referir a práticas sexuais ilícitas envolvendo pessoas casadas e não casadas. Nessa mesma passagem, a palavra é utilizada em paralelo com a palavra “adultério”.
2. Jesus afirmou a mesma verdade no sermão do monte (Mt 5:32) e tendo em vista essa repetição, argumenta-se que as outras referências (Marcos 10:1;9 – Lucas 16:18) em que Jesus não fala a respeito do adultério, precisam ser entendidas a partir da menção feita em Mateus.
3. Paulo concorda com a visão de Jesus sobre o divórcio, afirmando, em caso de adultério, ao indicar a autoridade de Cristo quando utiliza a frase: “Não eu, mas o Senhor” (1 Co: 7:10). Alega-se que Paulo legitima o divórcio quando diz: “Todavia, se o descrente se separar, que se separe. Em tais casos, o irmão ou a irmã não fica debaixo de servidão; Deus nos chamou para vivermos em paz”. (1 Co 7:15 – NVI).

Há muitos motivos para o divórcio. O termo “muitos” é interpretado por duas visões diferentes: uma acredita que são dois os motivos, o adultério e o abandono do lar, e o outro acredita em mais de dois motivos que podem ser abuso, doenças infecciosas e até as negligências. O ponto em comum aos que pertencem a esta visão é que existe mais que um fundamento bíblico para o divórcio.

1. Paulo aprova o divórcio por deserção quando diz: “Todavia, se o descrente se separar, que se separe” (1 Co 7:15). Ele está falando de abandono, e não de adultério. Em outras palavras, trata-se de abandono da parte do incrédulo, portanto, neste caso, o parceiro fiel não está mais obrigado a cumprir os votos matrimoniais, uma vez que foi o parceiro incrédulo que decidiu abandonar o casamento. No capítulo 24, da Confissão de Fé de Westminster (Seções V – VI), há a permissão para o divórcio em caso de adultério ou abandono, que os adeptos a essa visão sustentam.
2. A Bíblia reconhece a fragilidade humana, pois Deus não projetou, mas previu o divórcio e adaptou o seu plano a essa contingência. O ideal de

Deus nem sempre é concretizado com a humanidade caída, fato que leva Moisés permitir o divórcio (Dt 24:1;4 – Cf. Mt 19:8).

3. O próprio Deus se “divorciou” de Israel por motivo de infidelidade. O povo buscou dois ídolos ao invés de buscar somente a Deus. Por meio do profeta Jeremias, Deus disse: “Viu também que dei à infiel Israel uma certidão de divórcio e a mandei embora, por causa de todos os seus adultérios” (Jr 3:8 – NVI). Entende-se que pelo fato de Deus ter se divorciado de Israel, isso também se estende como modelo para todos nós.
4. O casamento é um voto mútuo, feito entre duas pessoas, é uma aliança. Por esse motivo o voto é condicionado à atitude de ambas as partes, e se uma for infiel ou cometer o abandono, a parte inocente fica desobrigada a cumprir os seus votos (1Co 7:15).
5. Não permitir o divórcio é um ato legalista. Entende-se que do mesmo modo que Jesus repreendeu os fariseus por não permitirem que uma pessoa fosse curada no sábado (Mc 2:27), alega-se que o casamento foi criado por causa da humanidade, e não a humanidade criada por causa do casamento. Desse modo, a pessoa envolvida deve ser mais importante que a prescrição do divórcio.
6. O arrependimento muda toda a situação. Mesmo Israel sofrendo um divórcio da parte do Senhor, pedidos eram feitos para que retornassem, indicando assim que o arrependimento pode mudar a condição da parte culpada diante das leis que regulam o casamento. Portanto, Deus perdoa e restaura a relação se houver arrependimento.

Diante dessas dificuldades e discordâncias apresentadas, existem cristãos que passam a reinterpretar textos bíblicos para fazer uma realidade contemporânea mais agradável às vítimas do divórcio, mas a respeito disso, leia-se:

As dificuldades do casamento e a dor do divórcio levaram alguns cristãos compassivos a reinterpretar ou diminuir a ênfase de certos princípios bíblicos, na tentativa de fazer com que o divórcio e o novo casamento pareçam ser mais fáceis e mais aceitáveis, teologicamente falando. Entretanto, ignorar ou diminuir a força de um ensinamento bíblico não é nem útil nem compassivo. (COLLINS, 2004, p. 530).

Ainda sobre esse contexto, ver-se-á algumas classificações propostas:

classifica em categorias de estudiosos da bíblia, como visto anteriormente, sendo, a primeiras aqueles que consideram que o casamento é para a vida toda e não existe base bíblica para permitir o divórcio e o novo casamento. A segunda, os que acham que existem bases bíblicas legítimas para o divórcio e que o novo casamento é permitido nessas circunstâncias. A terceira, defende a tese que, às vezes, surgem situações no casamento que não há solução, então o divórcio é necessário para preservar a saúde mental, emocional ou física de um dos cônjuges ou dos filhos. (COLLINS, 2004, p. 530).

Em resumo, o divórcio é permitido em apenas duas situações: quando o cônjuge é culpado de imoralidade sexual, não quer se arrepender e viver fielmente no matrimônio, e quando um dos cônjuges é incrédulo e decide abandonar o companheiro ou a companheira crente por sua própria vontade.

Diante dos argumentos apresentados permanecem três dúvidas: a primeira é que a bíblia não diz nada sobre o divórcio de duas pessoas incrédulas. A segunda é enfatizada a importância do perdão, Deus odeia o divórcio e proíbe o adultério, mas esses pecados não são imperdoáveis. A terceira se refere aos lares cheios de violência, maus-tratos físicos e mentais, desvios sexuais, linguagem obscena, negligência na provisão dos recursos para manutenção da família e várias outras influências destrutivas.

## **2.2 As causas do divórcio**

Segundo Collins (2004, p. 534,535), existe uma diversidade de casamentos, o que impede de apontar uma causa única para o divórcio. Isso quer dizer que cada divórcio ocorre por uma particularidade de causas e circunstâncias. Entre as mais comuns, serão apresentadas seis, sendo as duas primeiras sancionadas pela bíblia.

1. Infidelidade sexual. Essa talvez seja a mais comum e devastadora para a desagregação familiar e a justificativa mais aceita para o divórcio. Estima-se que a infidelidade ocorra em alto índice nos casamentos, embora tenha uma pouca durabilidade, ou até mesmo um único encontro, um impulso de momento. Seu efeito é devastador e mesmo que confesso e discutido entre os cônjuges, há grande possibilidade de o casamento ser destruído.

Conforme já visto, Jesus citou a infidelidade como uma razão legítima para o divórcio, mas mesmo que isso ocorra, deve-se preferir o perdão e a reconciliação. Sabe-se também da dificuldade de perdoar, porque o cônjuge inocente se sente traído, rejeitado e ferido, e terá dificuldade em

confiar no cônjuge daí para a frente, mas mesmo com sua indignação e autoestima baixa, é necessário que se tenha a consciência de que a separação e o divórcio, podem ser ainda mais dolorosos.

“O crente sabe que tudo é possível para Deus, até mesmo a restauração e o crescimento de uma relação conjugal que foi rompida por infidelidade” (COLLINS 2004, p. 534).

2. Abandono. Paulo acrescenta às palavras de Moisés e Jesus, como o abandono sendo o segundo motivo legítimo para o divórcio. Quando um cônjuge incrédulo abandona o lar, o crente está livre para se divorciar.

Mas, se for o crente que abandona o matrimônio? No Novo Testamento, a palavra “apartar” (koridzetai) é usada treze vezes, e em nenhum dos casos implica em divórcio. A palavra significa deixar alguém ou separar-se. Se o cônjuge que se apartou está envolvido em imoralidade sexual, ou se a separação é tão prolongada que há pouca chance de uma reconciliação, então, segundo Stanley Ellison, “terá ocorrido um divórcio de facto, ainda que não tenha sido requerido ou outorgado [...]. Embora o desejo de Deus seja sempre a reconciliação, quando isso é impossível por causa da teimosia do cônjuge transgressor, não há motivo para não reconhecer a dissolução. O abandono neste caso, é um divórcio (COLLINS, 2004, p. 534).

3. Incompatibilidade cada vez maior. Quando o casamento nasce de forma imatura por meio de uma ligeira paixão com um curto período para os cônjuges se conhecerem bem, é provável que surja incompatibilidade. Por exemplo: um gosta de festas com amigos, o outro prefere ficar só, um gosta de viajar para a praia, o outro prefere a tranquilidade do campo etc. Existe a possibilidade de terem momentos alegres e agradáveis e de se sentirem felizes juntos, mas, à medida que o tempo se passa, pode ser que haja brigas e desentendimentos mais frequentes que surjam por causa da incompatibilidade do casal, mesmo que tentem se empenhar para que o casamento dê certo. Mais tarde podem optar pelo divórcio ao concluírem que não tenham nada em comum. Segundo o autor Collins (2004, p. 534) “Embora não haja base bíblica para separações como esta, muitos casais chegam ao ponto de não aguentarem mais seu relacionamento insípido, insatisfatório e aparentemente incompatível”.
4. Aprovação social. Recentemente vive-se uma mudança de valores e atitudes na sociedade atual, que tornaram o divórcio mais fácil e aceitável, pois as leis facilitam, a mídia incentiva à infidelidade e há círculos

intelectuais que apoiam o movimento de libertação da mulher; são mudanças que o incentivam abertamente. Tem-se ainda a igreja que se torna mais permissiva e pessoas que não se submetem à santidade e indissolubilidade do casamento dando maior valor à autorrealização, o sucesso profissional e à satisfação pessoal, deixando de lado o compromisso matrimonial.

5. Imaturidade. É difícil definir o que é imaturidade, mas certamente está ligada a má vontade de assumir e manter compromissos e responsabilidades, a insensibilidade às necessidades de outras pessoas e uma visão egocêntrica da vida, que faz com que procurem satisfazer as próprias vontades e exigir seus direitos. São atitudes como essas que originam conflitos e atrapalham as tentativas de resolução para evitar o divórcio.

Bons relacionamentos se baseiam em dedicação, persistência, sensibilidade, boa comunicação e capacidade de perdoar. Estas marcas de maturidade são traços que algumas pessoas nunca desenvolvem e, por isso, seus casamentos são instáveis (COLLINS, 2004, p. 535).

6. Estresse persistente. Se forem graves ou durarem muito, grande parte do estresse causa grande pressão sobre o casamento, fazendo com que o casal acabe se separando ou pensando no divórcio. Pode ser uma atividade profissional que consuma muito o tempo, agressões físicas e psicológicas, dificuldades financeiras constantes, tédio, alcoolismo, consumo de drogas e ressentimentos, são fatores que ao longo dos anos se acumulam e podem levar ao divórcio, principalmente quando os cônjuges também viram o casamento de seus pais terminarem em divórcio, talvez, por razões semelhantes.

### **2.3 Efeitos do divórcio**

O divórcio é uma experiência traumática que pode afetar a pessoa física, psicológica e espiritualmente. Muitas vezes, ele causa um tumulto emocional fazendo pessoas tomarem decisões erradas e provocarem tensões interpessoais. As duas pessoas envolvidas são diretamente afetadas, mas seu efeito pode se estender aos filhos, pais, outros membros da família, colegas de trabalho, amigos, vizinhos e membros da igreja.

Há conselheiros que observam padrões comuns quando os casais iniciam o processo de separação. Mesmo não existindo um divórcio igual ao outro, percebe-se, na maioria dos casos, que um dos cônjuges decide terminar o casamento primeiro e quando o assunto é mencionado, o outro cônjuge geralmente fica desesperado e arrasado.

Durante o período de pré-separação de corpos, existem tensões que levam primeiro ao divórcio emocional, ou seja, o cônjuge que quer se separar percebe que o relacionamento está afundando e começa a pensar consigo mesmo se o casamento ainda tem salvação. Ainda com dúvidas, o cônjuge que está pensando em propor a separação começa a diminuir o investimento emocional na relação e começa a coletar informações: será que eu conseguiria viver sozinho? Qual seria a reação das crianças? Será que eu vou encontrar outra pessoa? O que o divórcio faria com a minha carreira?

Nesse período de amadurecimento de ideia, a insatisfação com o casamento é comunicada de forma indireta, podendo-se assim a separação não ser comunicada para evitar uma briga ou qualquer outra coisa do tipo. Conforme o tempo vai passando, os sinais vão ficando mais evidentes, o descontentamento vai tomando forma mais nítida e ainda, muitas vezes, o proponente provoca o cônjuge para forçá-lo a ser o primeiro a pôr fim no casamento, porém, na maioria das vezes é o proponente que anuncia a separação. O cônjuge, que é pego de surpresa com a notícia, pode ficar profundamente chocado, mas o proponente não, pois foi uma decisão premeditada.

Pode ser que o casal procure o aconselhamento nessa hora, mas, quase sempre, um deles (ou os dois) já se convenceu de que o aconselhamento não funcionará e que o casamento terminou. Geralmente, esse período de pré-separação é muito desgastante e causa diversos danos como depressão, ansiedade, baixa autoestima, raiva, culpa e problemas de identidade, principalmente no cônjuge que não deseja o fim do casamento.

O período de litígio é uma época em que os cônjuges podem se tornar adversários, pois cada um tentará um acordo mais vantajoso para si, com a ajuda de um advogado. Esse pode ser um período de tensão, insegurança, raiva e gastos consideráveis. Pode acontecer de um dos cônjuges assumir a responsabilidade pelo término do casamento, mas, normalmente, um sempre joga a culpa no outro pelo ocorrido e aos poucos vai ocorrendo uma mudança de pensamento de “estou casado” para “estou me divorciando”. Isso leva tempo para se consolidar.

O processo de divórcio é, no mínimo, desagradável. Na maioria das vezes, ele é extremamente devastador para toda a família. Geralmente, os parentes ficam aflitos, e os amigos preocupados. Provavelmente, o divórcio é mais traumático do que uma morte na família, já que ele afasta os membros da família, em vez de uni-los. Poucas crises familiares produzem mudanças tão profundas em tantas vidas. (COLLINS, 2004, p. 536).

Na maioria das vezes, o divórcio envolve um período de luto positivo, em que a pessoa lembra dos bons momentos do casamento, ou de um luto negativo em que a pessoa sente pena de si mesma, e de um momento para juntar os cacos retornando lentamente às tarefas da vida e aprendendo a viver sem o cônjuge.

Uma nova etapa começa a surgir, as pessoas encaram a realidade de sua nova situação de vida, separam um tempo para si e se dedicam à meditação, oração, leitura e reflexão. Arranjam novos amigos, resistem à tendência de ficar se culpando ou de achar culpados pelo ocorrido, lutam contra a autopiedade, buscam orientação de Deus e planejam o futuro.

Em cada um desses estágios observa-se efeitos emocionais, comportamentais, sociais e espirituais causados pelo divórcio.

1. Efeitos emocionais. O divórcio é causador de diversas emoções, como ansiedade, culpa, medo, tristeza, depressão, raiva, amargura e frustração. Sendo assim, os casais passam por períodos de indecisão, confusão ou vacilação, mas às vezes a pessoa se torna extremamente vigilante, principalmente quando tem o sentimento que mais alguma coisa vai dar errado. Com isso, começam a surgir doenças psicossomáticas, pois o corpo não pode se manter em estado de alerta o tempo todo.

O divórcio envolve a perda de um amor e a morte de um relacionamento. Portanto, é válido pensar nele como uma relação de luto, com todas as emoções pertinentes. Como todas as reações de luto, a dor parece maior no Natal, no Dia dos Namorados, nos aniversários e em outras datas especiais (COLLINS, 2004, p. 537).

2. Efeitos comportamentais. O divórcio muda o estado da pessoa e influi no que ela faz. Atividades rotineiras precisam continuar a ser feitas, mas agora sem a ajuda do cônjuge. Se a pessoa divorciada tem filhos, ela precisa se adaptar à nova condição de um pai ou uma mãe descasada, vivendo com os filhos diariamente ou longe deles, constituindo uma família com apenas um dos pais. Frequentemente, surge a necessidade do divorciado em lidar com os efeitos comportamentais, escolares e emocionais que o divórcio

causa sobre os filhos, e preocupados com esses efeitos, o divorciado acaba tendo dificuldades no trabalho, sofrendo com a queda de produtividade e eficiência e, muitas vezes, surgem riscos de acidentes de trabalho.

3. Efeitos sociais. Os efeitos do divórcio não se limitam apenas aos cônjuges, mas também ao ciclo de relacionamento dentre os quais Collins (2004, p. 537) apresenta:

- Familiares, inclusive os filhos (principalmente os meninos), pais e outros parentes, cujas relações abrangem choque, rejeição, raiva e medo de apoiar e encorajar.
- Aliados, tais como amigos, advogados, alguns membros da igreja ou colegas de trabalho, e parentes que dão apoio, mas às vezes podem complicar a situação com seus problemas e opiniões.
- Críticos que rejeitam, condenam, culpam e, às vezes, tratam a pessoa divorciada de forma judiciosa (alguns dos quais podem fazer parte da própria igreja ou família).
- Amigos casados, que algumas vezes se sentem ameaçados ou não sabem como se comportar na presença da pessoa recém-divorciada.
- Outros indivíduos que não são casados, inclusive os que dão apoio, os críticos e alguns poucos que podem ser futuros parceiros em potencial.

Sentimentos como solidão, insegurança, dúvidas sobre namorar ou casar novamente e problemas com a própria identidade ou autoconfiança, é comum entre os divorciados, e a maioria dessas pessoas lutam com a questão do sexo e do autocontrole. Pessoas divorciadas tem a tendência de continuarem reagindo às outras pessoas da mesma forma que antes, se casam em situação semelhante, repetem o mesmo erro e passam por um novo divórcio.

4. Efeitos espirituais. Como tudo isso afeta a vida de um cristão? A característica comum de toda crise é fazer com que as pessoas se aproximem mais de Cristo, em busca de orientação e força para enfrentar a situação. No divórcio não é diferente, mas outras pessoas, porém, se tornam espiritualmente rebeldes a Deus, principalmente quando são criticadas e rejeitadas pela igreja, e isso gera a tendência da pessoa se

tornar espiritualmente fria. Práticas espirituais como a adoração, oração, leitura e estudo da Bíblia, deixam de ser prioridade, e em meio a todas as outras pressões, gradativamente, a pessoa vai se afastando dos interesses e das atividades espirituais.

Neste capítulo, observou-se o significado do divórcio perante a lei civil, a visão cristã acerca do casamento para a vida toda, as três visões cristãs que se divergem acerca do divórcio e os diversos efeitos e danos causados por ele. Notou-se, então, uma grande dificuldade para os cônjuges enfrentarem tal situação sem saírem ilesos dela. Como foi bem observado, seus prejuízos são inevitáveis e atingem diversas áreas da vida.

Em uma tentativa de evitar tais danos e prejuízos na vida das pessoas que se envolvem de forma direta e indireta com o divórcio, o próximo capítulo desta presente pesquisa será dedicado à prevenção do divórcio, indicando conselhos práticos a fim de contribuir para que os casamentos sejam bem-sucedidos e para a vida toda, conforme a visão cristã acerca dele.

O matrimônio, segundo Deus, é uma união. Esta união liga duas pessoas com laços invisíveis, porém, muito reais, de modo que não existe o tal do amor independente entre um homem e uma mulher. Deus manda que este princípio seja reconhecido e preservado por meio de um compromisso matrimonial durante toda a vida. Este compromisso reflete um relacionamento mais profundo de amor e compromisso entre Cristo e a igreja (COBLENTZ, 2014, p. 135).

Diante de tantos casamentos em ruínas, surge a extrema necessidade de que os cristãos “fortifiquem as muralhas” se apegando ao plano de Deus tanto em palavra como em exemplo, pois o que Deus disse é verdade e sua instrução é correta. Por isso, o que Deus uniu, que seja para a vida inteira.

### 3 UM CASAMENTO SAUDÁVEL

A primeira instrução das Escrituras referente ao casamento é observada em Gênesis 2:24: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (NVI). Quando Jesus citou essas palavras, Ele ainda acrescentou: “Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto o que Deus uniu, ninguém separe” (Mt 19:6 – NVI). Paulo ampliou ainda mais: “Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o seu marido morrer, ele estará livre da lei do casamento” (Rm 7:2 – NVI).

Ficam claro as instruções da Bíblia, sendo um homem e uma mulher unidos pelo casamento até que a morte os separe.

A união de um homem e uma mulher por meio do casamento exige o compromisso de que eles devem amar um ao outro com abnegação e fidelidade, de tal modo que impeça todos os outros de entrarem nessa união. “Maridos, ame cada um à sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela... Da mesma forma, os maridos devem amar cada um à sua mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama a si mesmo... Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a você mesmo, e a mulher trate o marido com o mesmo respeito” (Ef :25;28;33 – NVI).

Identificando o significado do amor, à primeira vista, ele é pintado em cores brilhantes, em sentimentos apaixonados e doces sonhos, sendo assim, atraente para homens e mulheres, mas por trás do sensacionalismo, o amor no casamento exige um compromisso sacrificial (como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela). Um amor superficial é atraente e fácil. Enquanto uma esposa agrada o marido, ele a ama facilmente e vice-versa, mas em um dado momento da vida surgirá alguma prova ou adversidade que exigirá a prova mais profunda do amor: o compromisso.

Algo errado acontece, os planos não se concretizam, a doença bate à porta ou acidentes cobram suas vítimas, as responsabilidades pesam e, de repente, os cônjuges começam a perceber que nem sempre o amor é cheio de sensações maravilhosas. O amor também tem outros significados como compartilhar, trabalhar, sacrificar, chorar, perder sono, cuidar, perdoar, ter paciência, se ajudar e outras coisas mais. O amor verdadeiro cresce a cada dia e o gozo e o prazer mútuo aumentam com o passar do tempo. O amor não se limita apenas a lua de mel, ele é muito mais do que isso. Porém, este amor só é alcançado por aqueles que vivem um compromisso

verdadeiro e estão dispostos a irem além das sensações “maravilhosas” e darem de si mesmo sem esperar receber, ou seja, o amor verdadeiro é sacrificial.

Portanto, somente quando o princípio de amor sacrificial é praticado, torna-se realidade o verdadeiro amor matrimonial. Percebe-se com isso que, para o homem caído, o sacrifício e o compromisso requerido pelo amor matrimonial estão além do seu alcance.

“O amor matrimonial convida o casal a cair de joelhos confessando sua inabilidade de amar sem a presença de Cristo em seus corações” (COBLENTZ, 2014, p. 137).

Cristo reside somente naqueles que se esvaziam de todo o egoísmo, e o amor matrimonial é um exercício de abnegação e crescimento espiritual. Sendo assim, as dimensões do amor matrimonial são espirituais, pois a fonte do amor duradouro é o eterno Salvador Jesus Cristo.

### **3.1 A esposa exemplar**

Que tipo de esposa é necessário para um casamento duradouro?

Em tempos modernos, há muita confusão em torno do papel da esposa, e para que se possa entender melhor, se observará do ponto de vista das Escrituras a respeito da esposa piedosa (exemplar).

Uma esposa exemplar; feliz que a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida... Na mão segura o fuso e com os dedos pega a roca. Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres...Fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios da casa e não dá lugar a preguiça” (Pv 31:10;12,19;20,26;27 – NVI). Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês... Ao contrário, esteja no seu interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus (1 Pedro 3:1 e 3:4 – NVI). Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada (Tito 2:3;5 – NVI).

Demonstrada a mulher aprovada por Deus, se comparara agora a diferença com a mulher moderna nos padrões do mundo.

Para o mundo, a mulher ideal é aquela que:

1. É bonita. 2 Tem um corpo atraente. 3 Veste-se acentuando a feminilidade. 4 É bronzeada. 5 É charmosa no modo de se comportar e falar. 6 Tem um sorriso atraente, um riso espontâneo e otimismo eterno. 7 Adquire formação e posição social em vez de trocar fraldas e lavar roupa. 8 Casa-se com um homem bonito e rico. 9 Segue uma carreira profissional própria. Para Deus, a mulher ideal é aquela que: É gentil e reservada. 2 Tem caráter e moral puros. 3 Mostra fidelidade, lealdade e apoio ao marido. 4 Cobre a cabeça e se veste com pudor e modéstia. 5 É cuidadosa com as finanças e diligente em suprir as necessidades de roupa e alimentação da família. 6 Evita a fofoca e a calúnia. 7 Cria e educa os filhos num ambiente acolhedor e propício a santidade. 8 É hospitaleira e bondosa, especialmente com os pobres. 9 Ao longo da vida, busca a sabedoria de Deus com a qual pode instruir e acolher os mais jovens. (COBLENTZ, 2014, p. 139).

Com facilidade nota-se as diferenças dos ideais de Deus e do mundo para a mulher e, conseqüentemente, como isso interfere na vida prática do lar. Ao imaginar o lar de uma mulher moderna (aos olhos do mundo) pode-se tirar as seguintes conclusões: horários apertados e tensos, talvez seus filhos seriam um incômodo, as refeições frequentemente compradas, embaladas e pré-cozidas para esquentar no micro-ondas, uma possibilidade de conflito com o marido quanto ao uso do carro, a compra de móveis, ao emprego e diversas outras coisas.

Por outro lado, ao imaginar o lar de uma mulher aos olhos de Deus (esposa exemplar), pode-se tirar as seguintes conclusões: uma quantidade maior de filhos, mais amor, mais contentamento, melhores refeições, mais cooperação, e sobretudo, uma atmosfera que o marido gosta quando volta no fim do dia e os filhos se sentem seguros.

### **3.2 O marido piedoso**

As Escrituras também se referem ao marido piedoso, sendo este o ideal de Deus para o matrimônio.

[...] seu marido também a elogia, dizendo: Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera” (Provérbios 31:28;29 – NVI). Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como a igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama a si mesmo... (Efésios 5: 25 – 33 – NVI). Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com sus mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de

forma que não sejam interrompidas as suas orações” (1 Pedro 3:7 – NVI). “Seja bendita a sua fonte! Alegre-se com a esposa da sua juventude. Gazela amorosa, corça graciosa; que os seios de sua esposa sempre o fardem de prazer, e sempre o embriaguem os carinhos dela. Por que, meu filho, ser desencaminhado pela mulher imoral? Por que abraçar o seio de uma leviana? O Senhor vê os caminhos do homem e examina todos os seus passos” (Provérbios 5: 18 – 21 – NVI).

Observa-se novamente que os ideais de Deus para o homem são bem diferentes do que os do mundo, pensando no que Deus ensina para o contentamento e a felicidade do homem, diz-se:

Para o mundo, o homem ideal é aquele que: 1. É bonito. 2. É alto e musculoso. 3. É bronzeado. 4. Possui um carro de prestígio. 5. Tem bastante dinheiro e pode viajar livremente. 6. Tem uma boa posição profissional, de preferência com título. 7. É capaz de mostrar seu sucesso com coisas como automóvel e outros luxos. 8. É formado, se veste bem e possui investimentos. 9. Casa-se com uma linda mulher. Para Deus, o homem ideal é aquele que: 1. Resiste às más influências. 2. Demonstra compreensão, respeito e fidelidade a esposa. 3. É carinhoso com as crianças. 4. Trabalha com diligência e honestidade para suprir as necessidades do lar. 5. Dirige o lar com simplicidade material, investindo naquilo que é eterno. 6. É generoso com os pobres, especialmente com as viúvas. 7. Dirige a família em louvor e adoração a Deus. 8. Educa e ensina a sua família nos caminhos do Senhor. 9. Demonstra conhecimento dos caminhos de Deus de tal modo que pode aconselhar e animar os outros. (COBLENTZ, 2014, p. 141).

Novamente, considerada as diferenças na vida do homem mundano, pode haver riquezas acompanhadas de muitos afazeres e tempo escasso para a família, já na vida do homem de Deus, nota-se o amor, liderança, compreensão e segurança.

Para ampliarmos esse quadro, consideramos o homem mundano casado com uma mulher mundana, num lar que há abundância de coisas, porém, falta gozo, propósito e satisfação; e o homem piedoso casado com uma mulher piedosa num lar em que as coisas materiais são voltadas para o âmbito espiritual e tem o que falta no primeiro exemplo (COBLENTZ, 2014, p. 142).

Levando em consideração o plano divino para o casamento, talvez, o ponto mais controverso na atualidade seja a submissão da esposa ao marido, por causa de uma má interpretação feita pela sociedade moderna, que enxerga submissão como inferioridade ou menor importância em relação ao outro no relacionamento. Talvez esse seja o sentimento da esposa quando o marido é egocêntrico, mas isso está muito longe da verdade quando se tem um marido piedoso (ideal aos olhos de Deus) e obediente aos ensinamentos divinos. Ao contrário do que o mundo pensa a respeito da liberdade de fazer o que bem entender e o marido ter vantagem sobre a esposa, o

entendimento divino de liberdade consiste em agradar a Deus e servir ao próximo, ou seja, nem o marido nem a esposa obtém vantagem sobre o outro.

O marido não pode fazer o que quiser, ele terá que ser compreensivo e amoroso com sua esposa e seus filhos, provendo suas necessidades, para então experimentar a liberdade e a satisfação.

A esposa, segundo as escrituras, está sob a autoridade do marido, portanto, deve se sujeitar a ele, obedecê-lo e apoiá-lo. Não contém exceções na Bíblia nos casos em que a esposa não está em acordo com o marido, mas certamente há lugar para diálogos e súplicas e para que ela recorra a autoridades superiores em caso de abuso de autoridade do marido.

Entende-se, também, do ponto de vista bíblico que, se o marido pedir à sua esposa que aja de maneira contrária à Palavra de Deus, ela deve seguir o exemplo dos apóstolos: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens” (Atos 5:29 -NVI).

“Mulheres, sujeite-se cada uma ao seu marido, como ao Senhor” (Ef 5:22 – NVI).

Se a esposa estiver disposta a ver o apoio ao marido como uma forma de obedecer a Deus, ela poderá encontrar tal liberdade em suas ações que jamais poderá ser rebaixada ao nível de escravidão. Além disso, quanto melhor ela entender que o seu papel é de apoiar, maiores as chances de que seu marido tenha mais consideração com ela. (COBLENTZ, 2014, p. 143).

Quando a esposa, em suas ações, palavras e atitudes, apoia seu marido, ela recebe sabedoria de Deus para agir em situações difíceis, pois diante de d’Ele, a compreensão de uma liderança amorosa por parte do marido e o apoio amoroso por parte da esposa é de grande importância.

Coblentz (2014, p. 143) ressalta quatro princípios para compreender e resolver problemas matrimoniais (no casamento bíblico).

1. A bênção de Deus só acompanha aqueles que seguem o seu plano. A tendência do raciocínio humano é de se concentrar no momento. Devemos considerar as situações atuais, mas, sobretudo, devemos respeitar e honrar o que Deus diz. O marido deve liderar, e a esposa apoiar. Nas áreas onde ele é fraco, ela deve ajudá-lo a ser forte, mas nunca tomando o seu lugar. (COBLENTZ, 2014, p. 144). A tendência do ser humano é pensar no momento presente, no aqui e agora, mas é importante que se respeite e honre o que Deus diz, o marido sendo líder e a esposa apoiadora (ajudadora). O ato de apoiar o marido, não deve ser confundido em tomar o lugar dele. Honrar o plano de Deus é o único caminho para obter suas bênçãos.
2. Quando um dos dois está fora do seu lugar, isso afeta o outro. É difícil honrar e apoiar o marido que não seja amoroso. Do mesmo modo, é difícil ser amoroso e considerado com uma esposa que não seja submissa. (COBLENTZ, 2014, p. 144). Nota-se uma dificuldade em a esposa apoiar um

marido que não seja amoroso, da mesma forma, quando a esposa não é submissa ao seu marido, torna-se difícil ele ser amoroso. É necessária uma autorreflexão sincera de ambos os cônjuges em buscarem com plena humildade e oração a serem cônjuges ideal aos olhos de Deus.

3. A maneira mais eficaz de ajudar um cônjuge que sai de seu lugar é esforçar-se para ser o cônjuge ideal, de acordo com a vontade de Deus. Raramente, a esposa que não é submissa reage bem se o marido lhe pedir que seja, mas é bem provável que o marido possa ganhar a honra e submissão dela redobrando o amor, consideração e compreensão para com ela (COBLENTZ, 2014, p. 144). Quando a esposa não é submissa a seu marido, dificilmente ela será quando ele quiser que ela seja, neste caso, será mais fácil que o marido consiga a submissão da esposa se ela aumentar a dose do amor honrando-a mais, e a entendendo e considerando melhor.

4. Mesmo se errou na escolha do cônjuge, o casamento é para a vida toda. Vivemos num mundo apressado e cheio de tolice e, conseqüentemente, cheio de erros e sofrimento. Muitos acordam pouco depois da emoção do dia do casamento para se perguntar: “Como é que o cupido pode ser tão estúpido e mentiroso? COBLENTZ (2014, p. 144).

E a base bíblica que corrobora tal afirmação encontra-se no livro de Eclesiastes.

Quando você fizer um voto, cumpra-o sem demora, pois os tolos desagradam a Deus; cumpra o seu voto. É melhor não fazer o voto do que fazer e não cumprir. Não permita que sua boca o faça pecar. E não diga ao mensageiro de Deus: O meu voto foi um engano. Por que irritar a Deus com o que se diz e 37nten-lo destruir o que você realizou? (Eclesiastes 5:4;6 NVI).

Mesmo que se cometa um erro de escolha, Deus pede que seja fiel ao voto. Uma vez casado, deve-se reconhecer que aquele indivíduo é o único companheiro legítimo. Podendo ser que, ao honrar um voto, tenha-se que sofrer, mas Deus pode e está disposto a operar com poder a favor daquele que apresenta sua causa a Ele.

### **3.3 Satisfazendo necessidades fundamentais**

“Então o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gênesis 2:18 NVI).

Deus criou a mulher como um complemento para o homem, a fim de auxiliá-lo e lhe corresponder, sem serem rivais, mas, sim, parceiros, tanto no físico e social quanto no emocional, intelectual e espiritual.

Grande parte da tensão e dos conflitos matrimoniais de hoje, bem como em outros relacionamentos, devem-se precisamente ao fato de que a sociedade tem exaltado o conceito dos direitos e diminuído o conceito das responsabilidades pessoais (COBLENTZ, 2014, p. 145).

Quando o conceito das responsabilidades pessoais é exaltado em um relacionamento, o casal torna-se mais livre para servir um ao outro, pois em vez de buscarem seus próprios direitos, passam a buscar a necessidade de fazer os desejos um do outro. Com isso, nota-se a importância de trocar a busca de direitos próprios pelo prazer em servir um ao outro, e como resultado disso, o casamento torna-se saudável.

Serão destacadas as necessidades importantes das esposas e dos maridos para aqueles que desejam levar a sério suas responsabilidades matrimoniais.

Necessidades fundamentais da esposa: para uma melhor compreensão das necessidades da esposa é preciso primeiro entender a diferença entre homem e mulher, o que vêm sofrendo variações culturais com o decorrer dos anos. Atualmente, o tema gera confusões ao se tentar explicar essa diferença, pois a sociedade moderna sugere igualdade entre homem e mulher, mas ignorar essas diferenças é negar a realidade, e é contrário as Escrituras.

A diferença que existe entre homem e mulher não tem relação com a importância nem com o valor pessoal de cada um, mas com a distinção que Deus fez. Por exemplo, os homens iniciam um projeto para realizarem algum objetivo ou meta. Já as mulheres veem o mesmo projeto como um meio de construir um relacionamento. Isso é reconhecer que existe uma diferença entre eles, e não dizer que um é melhor do que o outro.

Coblentz (2014, p. 146) relaciona cinco necessidades das esposas que serão descritas a seguir:

1. A esposa precisa de compreensão. “Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas suas orações. (1 Pedro 3:7 NVI). (COBLENTZ, 2014, p. 146).

Os maridos têm a tendência de se preocuparem com coisas materiais e não considerar o seu lar e matrimônio, coisas que são de muita importância para as esposas. Toda mulher tem hábitos, temores, inclinações, gostos e aversões e precisa ser compreendida pelo marido com sua atenção e consideração. A Bíblia Sagrada ensina os maridos a terem “convívio sábio e tratar com honra” suas esposas.

2. A esposa precisa de aceitação. As Escrituras descrevem a relação íntima do casamento como “conhecer” um ao outro. O casamento é uma relação íntima e verdadeira que permite conhecer o coração e os pensamentos um do outro, e para isso a aceitação é fundamental para que essa experiência seja maravilhosa, caso contrário, será dolorosa. Um marido emite sinais bem claros de rejeição quando ele a compara negativamente com outras mulheres, ridicularizando sua personalidade e sobrecarregando-a de responsabilidades e, depois, a criticando quando não consegue cumprir suas metas. É fundamental que o marido reconheça e aceite a personalidade da esposa como única, apoiá-la ao máximo e ajudá-la a alcançar tudo que Deus espera dela.

3. A esposa precisa de carinho. Novamente, este é mais um passo da aceitação. Aceitar uma esposa e estimá-la depende de entendê-la. Estimar é outra maneira de dizer que uma esposa precisa ser amada (COBLENTZ, 2014, p. 147).

Repetidas vezes, vemos a Bíblia instruir: “maridos amem suas esposas”. Com isso, fica claro a importância e a necessidade da presença do amor no matrimônio. “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios 5:25 NVI).

Paulo está comparando o amor sacrificial de Cristo pela igreja como o ideal do marido para com sua esposa. Com isso, percebe-se que o amor e a aceitação que o marido deve ter com a esposa é nada mais nada menos que sacrificial. A esposa precisa de compreensão e aceitação, mas também precisa do carinho e da ternura do marido, pois ela não é nem deve ser tratada como um brinquedo, mas como uma joia preciosa e valiosa.

Uma esposa precisa de um marido que demonstre uma liderança forte e sábia. “Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-na com honra, como parte mais frágil e coerdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações” (1 Pedro 3:7 NVI) (COBLENTZ, 2014, p. 147).

Não se pode entender que a mulher é mais frágil em todos os sentidos, quando a Bíblia diz que ela é um vaso mais frágil, e muito menos inferior. Deve-se entender que a mulher conta com a força do homem, juntamente à sua consideração para amá-la e respeitá-la, e não para dominá-la. A força do marido deve ser usada conforme os propósitos de Deus, protegendo a esposa e os filhos de maus-tratos e perigos, sejam eles emocionais, espirituais ou físicos, liderando o lar com sabedoria.

Uma esposa precisa de um marido fiel. Ponha-me como um selo sobre o seu coração; como um selo sobre o seu braço; pois o amor é tão forte quanto a morte e o ciúme são tão inflexíveis quanto a sepultura. São brasas são fogo

ardente, são labaredas do Senhor (Cântico dos cânticos 8:6 NVI) (COBLENTZ, 2014, p. 148).

Ao falar da fidelidade, ressalta-se que o relacionamento íntimo e amoroso do matrimônio é exclusivo entre o casal, ou seja, existe uma exclusividade de posse, “eu te pertenço e você me pertence”, portanto, existe um ciúme apropriado desse relacionamento amoroso. A esposa necessita de uma segurança de que o marido a ama e não existe mais ninguém além dela. Também existe um ciúme egoísta e não apropriado para uma relação sincera e saudável que provém de suspeitas e desconfianças que acabam sufocando o marido. Um marido consciente tomará os devidos cuidados para não perder a confiança da esposa e se absterá de atitudes duvidosas como a pornografia ou de brincadeiras com outras mulheres, tendo assim, a sensatez de guardar seus olhos, seu humor e seu coração para sua esposa e manterá seu amor fiel a ela.

A seguir, será observado também as cinco necessidades fundamentais do marido que complementam as de sua esposa. Deus criou a mulher tendo em vista as necessidades do homem.

“Então o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que lhe auxilie e lhe corresponda” (Gênesis 2:18).

1. O marido precisa de alguém que dependa dele. Como um líder do lar instituído por Deus, o marido necessita de uma dependência feminina que o desperte a exercer sua masculinidade para com isso, supri-la, protegê-la, sustentá-la e cuidar dela, deste modo, o marido encontra satisfação em exercer a sua função de líder. É necessário que a esposa compreenda isto de maneira correta e sincera para que não faça mal uso de sua fragilidade e dependência para manipular o marido a fim de obter o que quer. Uma esposa sábia permitirá que o marido proveja para ela, mas terá cuidado para não o manipular.
2. Um marido precisa ser aceito do jeito que é. O matrimônio é um relacionamento de profunda intimidade e possui um grande potencial para suprir essa necessidade de aceitação, mas também pode causar rejeição, através de críticas e apontamento de falhas do marido publicamente. Reconhecer o marido da forma que ele é, demonstra aceitação por ele e isso o ajudará a se tornar aquilo que Deus espera dele.
3. O marido precisa de ânimo e apoio. Então o Senhor Deus declarou: não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gn 2;18 NVI). A mulher é uma auxiliadora (ajudadora) do marido, isso não quer dizer que ela foi criada para cumprir todas as ordens do marido, mas sim o principal apoio do homem usando com sabedoria sua mente, vontade e energia para complementar a mente, vontade e energia do marido, sendo assim, ela não concorre com ele e diferente disso o auxilia. Quando o marido deixa de compartilhar suas opiniões e esforços com a esposa, certamente o ânimo e apoio dela se perderá, mas quando a esposa é sábia compreendera que todo marido comete falhas e não permitirá que seu apoio e animo se esfrie por causa delas.

4. Um marido precisa do toque feminino de sua esposa no lar. “A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua.” (Provérbios 14 :1 NVI). O marido foi instituído líder do lar, mas não é capaz de formá-lo sozinho. É a esposa e sua feminilidade que estabelece ordem, beleza, limpeza e carinho no lar. O contrário do pensamento moderno, os afazeres do lar não são monótonos e inferiores, destinados a mulheres de pouca inteligência, e sim, uma responsabilidade de tempo integral, por toda a vida, que exige a mais alta criatividade, inteligência e habilidade administrativa” (COBLENTZ, 2014, p. 148-150).

A satisfação de um marido está na feminilidade da esposa, pois ela é o coração do lar, portanto, a esposa que busca carreira profissional permite que seu lar fique vazio e seu marido incompleto, pois não há nada que possa substituir a presença da esposa no lar.

Um marido precisa de uma companheira fiel. “Uma esposa exemplar; feliz que a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma” (Provérbios 31: 10;11 NVI) (COBLENTZ, 2014, p. 150).

A fidelidade é fundamental para ambos os lados do relacionamento matrimonial e o amor fiel proporciona os sentimentos mais doces dos relacionamentos humanos. Do mesmo modo é preciso atentar-se aos danos da infidelidade que causam os ressentimentos mais amargos dos relacionamentos humanos. Um matrimônio é devastado ao descobrir a presença invasora de uma terceira pessoa na esfera sacrossanta da intimidade.

Os cônjuges precisam ser mutuamente fiéis no matrimônio. A esposa exemplar (piedosa) deve ser modesta em seus modos, seu falar e sua aparência, reservando sua beleza e encanto feminino apenas para o marido.

Visto essas necessidades conjugais apresentadas, cabe ao assunto uma outra necessidade, observada por Adams (2011, p. 35) a da “comunicação em primeiro lugar para se manter um casamento sadio”.

Em seguida será observada essa necessidade e realçada a sua importância.

### **3.4 A necessidade da comunicação**

Como um cristão pode progredir em seus relacionamentos interpessoais? Essa é a pergunta que Paulo se propõe a responder. Em primeiro lugar, Paulo frisa a necessidade de comunicação cristã vital como a habilidade fundamental para o estabelecimento e a manutenção de relacionamentos sadios. Sem boa comunicação, é impossível um relacionamento conjugal sadio” (ADAMS, 2001, p. 35).

No capítulo 4 da carta à Efésios, Paulo trata da importância da unidade do corpo de Cristo exortando aos cristãos a andarem de acordo com a vocação que receberam. Uma vez que foram transformados pelo Espírito Santo, as práticas de vivência do dia a dia também deveriam ser abandonadas. Com isso, um casamento cristão deve ser coerente ao ensinado nas Escrituras e suas práticas uma expressão de fé e amor, é por isso que a comunicação é um tema fundamental para restaurar a imagem de Deus no cotidiano do matrimônio.

“Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam. Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor” (Efésios 4: 1;2 NVI).

A análise feita por Paulo sobre a comunicação tem início no versículo 25, quando ele fala para “abandonar a mentira e falar a verdade”. Os casais cristãos não podem caminhar juntos se não andarem com base em honestidade, receptividade e verdade, assim como membros do mesmo corpo funcionam em conjunto e precisam de verdade para funcionarem em harmonia. Portanto, a comunicação é fundamental para um matrimônio centralizado em Cristo porque é o meio pelo qual o relacionamento marido-mulher se estabelece, cresce e se mantém.

“Sem os canais abertos da comunicação sincera e verdadeira, discutidos nesta passagem por Paulo, não pode haver um lar verdadeiramente centrado em Cristo” (ADAMS, 2018, p. 36).

Adams (2018, p. 36) demonstra alguns exemplos de casais que passaram por crise conjugal devido à falha de uma boa comunicação, dentre eles três que serão citados a seguir.

Certa vez, um casal missionário voltou para seu país de origem após longos anos de uma missão internacional. A esposa havia contraído uma forte depressão e com isso procurou ajuda. Em uma consulta com um conselheiro, por meio de uma conversa, ela se voltou para o marido e disse: “Meu problema é que quando me casei com você, eu não o amava. Desde aquele tempo, eu nunca o amei e ainda não o amo, mas nunca contei a verdade a ninguém”.

O resultado dessa conversa foi que o casal missionário voltou para o campo e se amam mutuamente, ela o ama e ele a ama ainda mais do que antes. Pelo motivo de ela ter um problema e nunca ter tido a oportunidade de contar para ninguém, ela não sabia como enfrentar esse problema, e ninguém, muito menos o

marido sabia como ajudar, mas uma vez estabelecida a comunicação, o problema pôde ser resolvido.

“Até então, a sua vida havia sido uma farsa, triste e cheia de hipocrisia. O trabalho missionário sofria, ela sofria, e seu marido sofria. Todo o corpo sofria com a falta de comunicação honesta e franca. Ano após ano, ela gostava do sofrimento” (ADAMS, 2018, p. 37).

Em silêncio, no seu íntimo, ela dizia: “Ah! Se eu tivesse me casado com outro homem! Não estaria presa a meu marido e a vida seria muito diferente”. Esse sentimento desencadeou uma depressão tão forte que seu marido achou melhor interromper o trabalho missionário e voltar para seu país de origem. O impedimento mental só pôde ser desfeito quando ela, finalmente, contou a verdade e quando isso ocorreu, seu casamento foi reconstruído.

Em um outro caso, uma esposa passa a desconfiar que seu marido está a enganando, pois estava desviando todo o dinheiro que ganhava fazendo horas extras e ela queria saber como ele estava gastando esse dinheiro.

Ao guardar esse ressentimento por meses, o resultado disso fez com que ela fosse ficando cada vez mais amargurada, até o dia em que descobriu, de fato, o que estava acontecendo com o dinheiro.

Foi em uma consulta, num conselheiro, que ela houve a seguinte pergunta feita a seu marido: “Tomás, para onde foi o dinheiro? Você realmente o usou?” Vagarosamente ele levou a mão ao bolso, apanhou sua carteira, abriu um compartimento interno e respondeu: “Está todo aqui”, enquanto retirava o dinheiro e colocava o maço de notas sobre a mesa. “Eu estava economizando para comprar um presente especial para Juliana, em nosso aniversário de casamento” (ADAMS, 2018, p. 38).

Percebe-se neste caso, uma grande falha na comunicação do casal que poderia levá-los ao fim por causa de uma simples falha de comunicação, um mal-entendido, somente após a sessão de aconselhamento que ela deixou a preocupação quanto ao dinheiro. Provavelmente, essa preocupação surgiu após um fracasso anterior ocorrido na mesma época em que ela começou a dar falta do dinheiro, ou seja, no passado a comunicação entre os dois havia sido tão ruim, que não podiam confiar um no outro, do contrário, o problema nunca teria chegado a esse ponto.

Certo homem foi sozinho ao aconselhamento, recusa-se a falar com a secretária e nega o pedido de preencher a ficha de informações preliminares.

Na primeira metade da sessão, permaneceu em silêncio, até que em determinado momento, o conselheiro lhe diz: “Há pessoas que realmente precisam de ajuda e que necessitam deste tempo. Devo transferir seu horário de entrevista para outra pessoa? Não devemos perder tempo, se o senhor não leva a sério o assunto diante de Deus. Está pronto a contar sua história?”.

Finalmente ele se abre e começa a falar: “Já passei por diversos tipos de tratamento, já tentei de tudo, mas fui desencorajado, deprimido e derrotado e quase tudo já foi sugerido como causa do meu problema, mas tem apenas uma coisa de errado comigo e eu sei o que é, tenho algo entalado em minha garganta, há muito tempo, que nunca compartilhei com ninguém. Casei-me contra a minha vontade por insistência da minha mãe, e secretamente me arrependo disso desde o dia do casamento”. (Adams, 2018, p.39)

Cada vez que ele entrava no banheiro e via o creme dental fora do lugar ou amassado ao meio, em vez de estar enrolado na parte inferior, ele ficava furioso e com muita raiva se deprimia. Em vez de pensar simplesmente no creme dental amassado e fora do lugar, já dizia consigo mesmo: “Aquela mulher anda fazendo das suas novamente!”.

Coisas insignificantes provocavam seu ressentimento com o casamento e despertavam ira em seu coração. Ele nunca disse nada à sua esposa ou a qualquer outra pessoa.

O conselheiro explicou como era impossível haver felicidade e harmonia num casamento que não havia verdade.

Depois de um bom tempo de conversa orientando-o a como falar a verdade com sua esposa e alertando-o sobre possíveis armadilhas e como evitá-las, o conselheiro lhe pede que volte para sua casa e converse com sua esposa e então retorne a próxima sessão com a companhia dela. Ambos trataram sincera e seriamente do problema e, passado algum tempo, foram dispensados e orientados para continuarem o aconselhamento com seu pastor.

Passaram a viver como recém-casados. Uma vez que a verdade foi estabelecida, passaram a fazer o que Deus queria que fizessem em relação ao problema. Somente o falar a verdade poderia ajudá-los, pois o problema que eles tinham era viver uma mentira.

Talvez, muitos casais podem estar guardando coisas dentro de si mesmos, que estão interrompendo a comunicação adequada para se manter um bom

relacionamento conjugal, pois barreiras imensas podem estar sendo postas com o passar do tempo, e com isso, deteriorando a comunicação. Esse problema precisa ser tratado para que “mentiras” não interrompam a comunicação e não impeçam a felicidade do casamento.

Para isso, Paulo ensina: “Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo” (Efésios 4:25 NVI).

Devem começar admitindo a verdade diante de Deus e do cônjuge.

“Quando vocês ficarem irados, não pequem. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha e não deem lugar ao Diabo” (Efésios 4:26;27 NVI).

Neste versículo, Paulo faz uma citação ao salmo 4:4, com o propósito de lembrar que a pessoa deveria limpar seu coração de toda amargura e ira antes do fim do dia.

Problemas de relacionamentos interpessoais devem ser resolvidos diariamente, evitando, assim, que se tornem grandes feridas. A ira, quando expressada biblicamente, não é pecaminosa, mas quando se transforma em explosões de temperamento se torna pecado e fere outras pessoas no relacionamento; essas explosões são claramente anticristãs.

“Apaziguem a sua ira...” (Salmo 4:4) percebe-se que neste contexto, Paulo está condenando quem guarda ressentimentos, portanto, a comunicação é de extrema importância no relacionamento conjugal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de auxiliar os casais na igreja local, promovendo um relacionamento saudável e mantendo a fidelidade matrimonial conforme a palavra de Deus sugere, a presente pesquisa utiliza-se de ensinamentos bíblicos e teóricos de diversos autores cristãos experientes no ministério de casais e de família, para mostrar a importância do casamento bíblico e a satisfação que ele promove.

Atenta-se à Lei Cível (Nº 6.515, 26/12/77) acerca do divórcio, e apega-se ao inciso primeiro do artigo segundo desta lei que diz: o término da sociedade conjugal se dará pela morte de um dos cônjuges. Sobre este inciso do artigo segundo da referida lei, é que se pensa e se deseja o casamento para os cristãos e para os demais casais que não partilham da mesma fé.

Visando a indissolubilidade do matrimônio, apresenta-se esta pesquisa com a intenção de contribuir para um casamento saudável, feliz e duradouro.

Vagner Vaelatti, pastor presidente da Igreja Batista Boas Novas há 28 anos, situada na cidade de São Paulo, no bairro de Vila Zelina, ao ser questionado sobre a importância do ministério de casais na igreja local para a contribuição e manutenção de um matrimônio bíblico e da família cristã, utiliza-se de sua experiência como pastor e traz as seguintes considerações.

Pergunta: O ministério de aconselhamento de casais da igreja local contribui para a redução do número de divórcios e ajuda os casais a desfrutarem das bênçãos de Deus? Você acredita no casamento como a instituição divina mais poderosa para se transformar uma sociedade transmitindo a palavra de Deus por meio de um bom testemunho no matrimônio e conseqüentemente na família cristã Evangélica?

Pastor Vagner Vaelatti: Sim, o Ministério de Casais quando bem ajustado e com objetivos bem definidos, coopera em muito na redução de divórcios e separações. Um forte Ministério de Casais aliado a um gabinete pastoral eficaz onde o aconselhamento pastoral é uma ferramenta de instrução bíblica robusta, redundante de uma diminuição espantosa nas separações e conseqüentes divórcios.

Toda igreja, tanto em reuniões de grupos de casais, quanto na instrução de aconselhamento pastoral aos cônjuges, devem ser intencionais, nunca um programa de edificação.

Negligenciar o cuidado pastoral quanto aos casais, é o mesmo que negligenciarmos a saúde do corpo de Cristo, que é a igreja. Famílias pastorais

disfuncionais redundam a pouca autoridade no púlpito e na prática diligente aos casais fragilizados por problemas e conflitos conjugais.

Poderia citar centenas de exemplos de casais que adentraram ao gabinete pastoral em momentos críticos de separação e divórcio, e após vários atendimentos de aconselhamento, foram completamente reconciliados pela bondade e misericórdia do Senhor, por meio de um Aconselhamento Bíblico Pastoral sistemático.

Acredito fielmente, tanto no casamento instituído por Deus quanto no testemunho decorrente de lares ajustados para transformar uma sociedade inteira por meio do testemunho espontâneo de uma família cristã feliz e ajustada.

Assim, finda-se a pesquisa esperando-se que traga expressiva importância para a conscientização dos casais que o matrimônio é instituído por Deus para a formação da família cristã saudável, e preservá-lo é cumprir a vontade de Deus.

## REFERÊNCIAS

ADANS, Jay Edward. **A vida cristã no lar**. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.

BRASIL. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 1977. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6515.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm). Acesso em: 24 nov. 2022.

COBLENTZ, John. **Conselhos práticos para a família cristã**. Tradução de Paul Jeffery. São Paulo: LMS do Brasil, 2014.

COLLINS, R. Gary. **Aconselhamento cristão**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. ed. Século XXI. São Paulo: Vida Nova, 2004.

GEISLER, Norman L. **Ética Cristã**. Tradução de Alexandros Meimaridis e Djair Dias Filho. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KÖSTENBERGER, J. Andreas; JONES, W. David. **Deus, casamento e família**. Tradução de Susana Klassen. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

BÍBLIA SAGRADA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL / Bíblia; (traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional). São Paulo: Editora Vida, 2007.